AVISO DA EMPREZA.

☞ A Empreza deste Jornal declara que a REVISTA continua por sua conta até ao n.º 48, ultimo do presente volume, e que desse numero em diante fica sendo proprietario do Jornal o Sr. Sebastião José Ribeiro de Sá, actual Redactor.

EXPEDIENTE.

— Aos nossos mui dignos collaboradores, que nos tem honrado com artigos de maiores dimensões, pedimos desculpa pela demora que tenha havido na sua publicação. Neste ponto a ordem e distribuição das materias obriga-nos o mais das vezes a deixar de satisfazer os nossos desejos.

— A carta ácerca do artigo — Experiencia curiosa — será publicada com brevidade.

— Dentro em pouco tempo, esperamos poder dar uma noticia cabal da maravilhosa descoberta relativa ás vaccas leiteiras, e da qual já se fallou neste Jornal.

— O artigo do Sr. Tullio sobre a Procissão do Corpo de Deus, será publicado em o n.º seguinte.

Publicações recebidas. — *Elementos de Philosophia Racional e Moral, e Principios do Direito Natural*, composto por Domingos Pinto Ribeiro, 1.ª Parte, comprehende a Psycologia, Ideologia, Grammatica geral e Logica.

Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias. Mez de junho. Entre varios artigos curiosos, contém um mui util sobre a *raiva canina*.

Revista Popular, n.º 15. Como sempre contém uma estampa primorosamente gravada pelo Sr. Coelho. A deste n.º representa a villa da Torre de Moncorvo; e diversos artigos litterarios de merecimento. — Vende-se na rua Augusta n.º 8.

Jornal dos Facultativos Militares, n.º 53.

Revista Contemporanea, n.º 6. Contém os retratos e as Biographias dos Srs. Marquez de Fronteira e José Bernardo da Silva Cabral.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ANNAES MUNICIPAES.

478 Em quanto uma nação questiona ou assenta a fórma politica do seu governo; em quanto a ousadia das ambições e a nullidade dos talentos não são completamente vencidas pelo saber e pela virtude; as providencias, que saem do plano infimo dos interesses para as elevadas regiões das conveniencias sociaes, não são percebidas nem avaliadas.

Foi no caminho por onde os actos notaveis da era, em que vivemos, passam para irem sepultar-se no abysmo do esquecimento, que o raro esforço de um dos nossos primeiros talentos collocou a REVISTA, como uma atalaia, que ao avistar alguma providencia salutar ou gloriosa lhe bradasse a vêr se a podia desviar do perigo, e para que vendo a passar, pela ultima vez lhe valesse, e para que ainda depois de sepultado nesse abysmo juntasse aos suspiros da saudade uma reprehensão que podesse servir como de exemplo.

Não podemos ao certo affirmar em qual destes casos está o pensamento da creação dos *Annaes Municipaes*; mas considerado como coisa que só influe na parte em que a acção do governo se liga com a verdadeira organisação social, assentámos que o deviamos mui honrosamente consignar nestas paginas.

Já em um dos numeros deste jornal demonstrámos, como por em quanto a parte politica da administração evita, que as differentes auctoridades administrativas desempenhem satisfatoriamente todos os encargos da sua mui difficil posição.

Considerando bem no estado do nosso paiz póde-se até affirmar, que é humanamente impossivel que aconteça o contrario.

Por este motivo não nos admira que em março deste anno, como deveria ser, as Camaras Municipaes deixassem de satisfazer ao contido na referida Portaria.

Consta-nos com certeza que alguns Governadores Civis, em tempo competente dirigiram ás Camaras dos seus Districtos as devidas recommendações para cumprimento da Portaria. É possivel que todos fizessem o mesmo; mas facilmente se comprehende que não estámos em posição de o poder asseverar, porque não temos elementos para o saber.

O Sr. J. Silvestre Ribeiro fez publicar no *Madeirense* de 15 de janeiro de 1848, a Circular, que sobre o assumpto dirigiu ás Camaras Municipaes. É um documento importante como todos os que provém daquelle distincto e mui instruido Administrador. Temos summo gosto em exarar aqui, pois que além de resumir o contheudo da Portaria, demonstra tam competentemente as vantagens desse acto mui honroso para o Sr. Antonio de Azevedo Mello e Carvalho, que não ousamos substituir a essas solidas rasões outras que sejam da nossa lavra.

Eis-aqui a Circular do illustre Governador Civil do Funchal.

1.ª Repartição. — L.º 4.º — N.º 180. — Circular. — Illm.os Snrs. — Uma providencia foi tomada ultimamente (em 8 de Novembro do anno findo) pelo Governo de Sua Magestade, que deve ser acolhida com o mais vivo interesse, como encerrando os mais fecundos elementos para traçar a historia do nosso paiz. He por este motivo, e convencido da grande utilidade de uma tal providencia, dictada por um pensamento eminentemente civilisador e patriotico, que eu me dou por obrigado a recommendá-la a todas as Camaras do Districto a meu cargo, sollicitando com apertada instancia a sua adopção.

Entendeu o Governo de Sua Magestade que «em cada uma das Camaras Municipaes dos Concelhos do Reino e Ilhas Adjacentes deve haver um Livro especial com a denominação de *Annaes do Municipio*, no qual annualmente se consignem os acontecimentos e os factos mais importantes que occorram, e cuja memoria seja digna de conservar-se e bem assim os descobrimentos de riquezas, substancias e combustiveis mineraes; — o augmento ou diminuição da producção agricola, e suas causas; — a longevidade das pessoas de que houver noticia, com a declaração do modo de vida que tiveram, e do seu alimento ha-

« bitual: as acções generosas, e os nomes dos seus « auctores, que mereçam ser transmittidos ás gerações « futuras: — e finalmente tudo quanto possa interessar « as tradicções locaes. »

Para se conseguir este fim, ordena o Governo de Sua Magestade « que os Presidentes das Camaras nomeem « uma Commissão composta de alguns Vereadores, ou « Vogaes do Conselho Municipal, que forem julgados « mais aptos, a qual em todos os annos, no principio « do mez de março, e depois das reuniões necessarias, « redigirá uma memoria que contenha as noticias e « esclarecimentos acima indicados, e que sendo lan- « çada em letra bem legivel no referido livro, que « se guardará cuidadosamente no archivo da camara, « será assignada por todos os Vogaes da Commissão. »

Não é necessario gastar muito tempo, nem fazer grandes esforços de argumentação para demonstrar as vantagens d'esta providencia, que assaz se inculca ella por si mesmo. — Se as Camaras desempenharem zelosamente, como lhes cumpre, esta nova incumbencia, tenho por certo que as gerações futuras encontrarão n'esses *Annaes* uma fonte de conhecimentos, que até agora estava occulta — uma preciosa mina de noticias, que o historiador lavrará com proveito — documentos seguros que darão authenticidade ao que se contar do passado.

Leiam-se os nossos historiadores, e conhecer-se ha o quanto embaraçados se encontraram no meio da deficiencia de noticias! Guiou-os por vezes a tradicção, mas quanto fallivel não é esse testimunho? Os nossos maiores não se davam ao trabalho de confiar pela escriptura á lembrança, á admiração, e ao exemplo dos vindoiros os successos de que foram testimunhas, ou auctores; e aqui vem a pêllo a judiciosa censura do nosso insigne *João de Barros*: — « E vendo eu que « nesta diligencia de encommendar as cousas á custo- « dia das letras (conservadora de todalas obras), a « Nação Portugueza é tão descuidada de si, quão prom- « pta, e diligente em os feitos, que lhe competem « per milicia, e que mais se préza de fazer, que di- « zer; quiz nesta parte usar antes do officio de estran- « geiro, que da condição de natural. »

Afóra este ponderoso inconveniente, outro havia de mui grave momento. O espirito philosophico não illustrava ainda a humanidade: de sorte que as chronicas antigas pouco mais continham do que a narração, por vezes emphatica e exagerada, de proezas bellicas, de panegiricos de guerreiros, de contos supersticiosos. Cada pagina d'esses escriptos, ou goteja sangue, e inspira horror, — ou bem pouco contém que derrame luz sobre a marcha da civilisação dos povos.

Qual d'essas historias nos apresenta noticias circumstanciadas sobre os tractados de commercio, suas vantagens, inconvenientes e influencia que produziram? Qual d'ellas nos dá uma idéa cabal do estado em que se achavam entre nós a agricultura, a industria, o commercio, as artes, as letras e sciencias, e a navegação, n'um determinado seculo ou periodo? Em qual d'ellas se assignalla caracteristicamente a marcha progressiva, ou retrograda, ou estacionaria do povo na moral, na religião, nos bons costumes, na polidez, no amor do trabalho, etc. etc.? Qual d'ellas nos subministra o conhecimento d'esses bellos rasgos de generosa dedicação, que tamanha honra fazem á humanidade, mas que pela maior parte ficam ignorados, quando não são praticados nos palacios dos Reis, ou dos grandes da terra?

Deixando porém estas observações geraes, e tractando unicamente da hypothese que me occupa, não posso dispensar-me de ponderar o quanto de vantagens ha-de colher o Districto da Madeira e Porto Santo, no que toca á sua historia, da confecção annual da Chronica, registo, ou *Annaes*, que o Governo tão providentemente manda organisar. Já lá vão quatro seculos desde que a Madeira e Porto Santo foram descobertas; e perguntarei eu — teremos acaso os elementos necessarios para escrever com todo o desenvolvimento a historia destas duas possessões portuguezas em cada um dos quatro seculos? Por certo que não, se attendermos a que a historia, tal qual é, compreendida nos tempos modernos, deve satisfazer á curiosidade do espirito em todos os pontos, que dizem respeito ao bem e aperfeiçoamento da especie humana. E convirá acaso que as gerações futuras tenham em legado, em vez de amplas noticias, a ignorancia em que quasi de todo nos deixaram as passadas?

Tomemos para exemplo o anno que acaba de sumir-se nas profundezas do tempo, o anno de 1847. Quantos factos não occorreram nesta Ilha durante elle, que seria lastima não consignarmos extensivamente e authenticamente em escriptura para conhecimento dos vindoiros? Padecemos algum flagello, commettemos erros, demos algum passo no caminho da civilisação, occorreu algum acontecimento notavel? Pois *encommendemos* tudo isso á *custodia das letras*, quer para gloria ou escarmento dos que vivem, quer para instrucção dos que hão de viver depois de nós.

« Penétrem-se pois as Camaras das vantagens da providencia do Governo, e empreguem na sua execução o zelo que as deve inspirar em tudo quanto é proveitoso aos seus administrados. — Nomeiem desde já Commissões de tres ou cinco membros, escolhidos d'entre os vereadores e vogaes do Conselho Municipal, que mais proprios parecerem pelas suas habilitações litterarias, habito de escrever, paciencia de recolher noticias, curiosidade e criterio de indagação. Comecem essas Commissões a colligir desde já apontamentos sobre todos os factos notaveis que occorreram nos respectivos Municipios no decurso do anno findo de 1847, dignos de serem perpetuados na memoria dos homens; sobre o progresso ou decadencia da agricultura, e suas causas; — sobre o descobrimento que se fizeram, seja qual fôr o seu objecto, uma vez que possam tender ao desenvolvimento da publica prosperidade; — sobre casos de longevidade, que apresentem circunstancias ponderosas, e subministrem elementos hygienicos proveitosos á conservação da saude e da vida: — e em uma palavra, como diz o Governo de Sua Magestade, sobre *tudo quanto possa interessar as tradicções locaes*.

« Collegidos assim esses apontamentos, deverão as commissões reunir-se no primeiro dia do mez de março proximo futuro (e nos annos seguintes em egual dia) para redigirem a *Memoria*, que o Governo de Sua Magestade recommenda, e se seguirem os demais termos que elle insinúa.

« Espero affoitamente que as Camaras prestarão a esta incumbencia a mais séria attenção, devendo eu preveni-las de que por minha parte estou disposto a prestar-lhes todo o genero de coadjuvação, incluindo a concessão de quaesquer esclarecimentos officiaes da

Secretaria d'este Governo Civil. — Deus Guarde a V. S.as — Palacio do Governo Civil no Funchal aos 3 de Janeiro de 1848. — Illm.os Srs. Presidente e demais membros da Camara Municipal de... O Governador civil, *José Silvestre Ribeiro.*»

Os Annaes Municipaes são como se vê a realisação de um pensamento mui louvavel. Felicitemos o Sr. Mello e Carvalho, por haver deixado entre outras esta memoria honrosa da sua administração. Agora que era tempo de começar a realisar esse pensamento, é que nos lembramos esta materia, não só para sabermos o que a tal respeito se tem feito como para despertar no animo de todos a necessidade de não inutilisar esta sabia providencia, da qual o futuro poderia tirar grande vantagem.

CASAS MORTUARIAS.

479 *O enterro prematuro deve ser encarado como o mais espantoso dos assassinios. Individuos de todas as jerarquias podem ser victimas deste attentado contra a natureza.* Assim o disse já o Sr. Dr Francisco de Assis e Sousa Vaz na Sociedade Litteraria Portuense, de que foi digno ornamento, lendo, em sessão de 10 de junho de 1836, uma breve Memoria ácerca dos enterros precipitados, a qual, pelo lado da Hygiene Publica e Policia Medica, foi julgada de tão reconhecida importancia, que logo determinou aquella sociedade mandar proceder á sua immediata impressão. (1)

Ahi diz mais o Sr. Sousa Vaz: «Ainda que á primeira vista pareça pouco possivel engarnamo-nos a respeito dos signaes da morte, grande numero todavia de factos demonstram, que este engano tem bastantes vezes tido logar desgraçadamente.»

Passando depois a referir uma infinidade de casos apontados em varios auctores, faz ver quantas mortes apparentes se teem tomado por verdadeiras, e prosegue o seu discurso com estas palavras: — «Entre nós os individuos que parece haverem exhalado o ultimo suspiro são logo escandalosamente abandonados, e é practica geral tirarem-lhe o travesseiro, ainda quando agonisantes... Estendem-lhes os membros: tapam-lhes o nariz; fecham lhes a boca e os olhos; descobrem-lhes o corpo; tiram-os da cama; embrulham-os em um lençol, e deixam-os arrefecer no chão, sobre palha, ou dentro de um caixão quasi sempre mui estreito, embaraçando por todos os modos, que os orgãos se reanimem, fenomeno da qual não devemos desesperar em quanto subsistir calor, e um resto de circulação capillar.»

Mas deixemos aqui a *Memoria* do benemerito facultativo, para onde remettemos os nossos leitores, e vejamos como lá fóra se teem conseguido evitar os enterramentos precipitados. As grandes vantagens que necessariamente devem resultar dessas providencias, fazem desejar que entre nós sejam algum dia adoptadas, em beneficio da humanidade.

Fallamos do estabelecimento de Casas Mortuarias, aonde os corpos hajam de ser depositados, até que sobre a certeza da morte não reste a menor duvida. A descripção, que damos em seguida de uma das melhores de Allemanha, qual a que existe no cemiterio de Franckfort, nos dispensa de entrarmos em outros pormenores a este respeito.

(1) Sahiu tambem nos proprios *Annaes da Sociedade*: Porto na Imprensa de Alvares Ribeiro — 1837.

É um edificio, que faz parte daquelle cemiterio, e em que se acham construidas dez cellas consagradas aos mortos, dispostos em volta de uma pequena salla, onde habite o respectivo guarda. Deixam o corpo no seu caixão, que é collocado sobre uma barra ou caixilho de ferro. Da parte superior, e seguros a uns arames ou cordões delgados, estão suspensos dez dedaes de cobre: nestes dedaes introdusem os dedos de ambas as mãos do cadaver. Os cordões estão presos a uma sineta que dá para o quarto da guarda. Ao menor movimento de um daquelles fios a sineta responde immediatamente com estrepito, signal da resurreição, que não deixará de ser ouvido pelo guarda.

A este cumpre não dormir de noite, e para que possa haver certeza de que religiosamente observa esse preceito tem no seu quarto uma pendula de fabrica mui engenhosa. Ao dar as horas releva que elle faça girar sobre o mostrador da mesma pendula uma agulha indicadora, mui similhante á que os conductores do omnibus fazem mover á medida que vão entrando os passageiros. Aquella agulha obedece a um mecanismo organisado de modo, que não poderá avançar depois de haver dado a hora, ou antes do momento prescripto, sendo o guarda por tanto obrigado a conservar-se em um continuo estado de vigilancia.

Cada cella é aquecida por um pequeno fogão, e arejada pela parte superior, onde se abrem quatro janellas expostas aos quatro pontos cardeaes. A salubridade do ar é mantida por um fio de agua chloretada, que, sem cessar, corre por baixo do aparelho em que descança o caixão. Um thermometro indica, que a temperatura se conserva no gráu conveniente.

Se o que suppunham morto acorda effectivamente de um lethargo, é logo condusido a um aposento aonde tudo está disposto para o receber: ahi encontrará boa cama, uma banheira, toda a roupa necessaria, que teem sempre o cuidado de aquecer, botica completa, e um medico de semana.

A Casa Mortuaria de Franckfort é só para os pobres, e para os estrangeiros, que morrem longe de suas familias. Para as classes abastadas esta precaução é inutil, pois que dellas se exige, que fallecendo quatquer pessoa de casa ahi seja conservada até ao momento de começar a decomposição do cadaver, de modo que ordinariamente o morto permanece em casa quatro ou cinco dias, e algumas vezes sete ou oito.

J. C. de Figaniere.

CATHECISMO DO OPERARIO. *

VIII.

Das associações nacionaes.

480 Resumo do programma proposto á commissão permanente pare a organisação do trabalho.

Compra, feita pelo estado, dos estabelecimentos industriaes hoje existentes, que seus donos offereçam ceder.

Abundante indemnisação paga pela cessão por meio de titulos, com vencimento de juro, com hypotheca no valor dos estabelecimentos cedidos, e solvidos por annuidades ou por amortisação.

Entrega dos estabelecimentos aos operarios que se associarem, quer por salarios iguaes, quer por salarios desiguaes. A commissão declara que prefere a igualdade.

* Vem de n.º 27.

Depois da deducção dos salarios, dos juros do capital, das despezas de costeio e de material, repartição de ganhos (suppoem-se sempre lucros) em quatro partes iguaes para amortisação do capital.

Estabelecimento d'uma caixa de soccorros.

Creação de um fundo commum centralisado, entre todos os estabelecimentos de uma mesma industria.

Todos os estabelecimentos da mesma industria, dirigidos por um engenheiro nomeado pelo estado.

Preço dos productos regulado pelo estado.

Não se trata dos trabalhadores e estabelecimentos agricolas.

Eis aqui o que propõe a theoria.

Ponhamos primeiramente algumas respostas, extrahidas da estatistica e da economia politica.

Calculam-se, pouco mais ou menos, em 70,000 os estabelecimentos industriaes que existem em França, afóra o trabalho individual.

Reduzamos, para evitar toda a exaggeração a maior, de 70,000 a 40,000 o numero dos estabelecimentos industriaes, que resistindo á crise actual se acharão nas circumstancias de preencher as suas condições.

Se algumas industrias ha, nas quaes o material de um estabelecimento montado não excede alguns milhares de francos, ha outras em que sobe a centenas de mil francos, outros em que chega a milhões.

Não seremos exaggerados se, á vista desses algarismos, tomarmos 500$000 francos para termo medio; além disso observemos, que a theoria promette uma *indemnisação abundante* aos proprietarios que offerecerem a cessão ao estado.

500:000 Multiplicados por 40:000 constituiriam um capital (em debito) de 20 milhares de milhões, solvivel por annuidades ou por amortisação com juros annuaes.

Tal seria a nova divida proposta ao estado, no momento em que o representam tão empenhado pela divida existente que, aos olhos de muita gente sem duvida sobejamente espantada, a posição actual só offerece um desfecho desastroso.

Continuemos: os juros daquelle capital suppondo-os acceitos pelo minimo de 3 por cento, se elevariam a 600 milhões. Mas o pagamento dos juros não dispensaria do embolso do capital formalmente annunciado, por annuidades ou por amortisação.

Qualquer que seja o modo que se escolha obrigaria sempre a um distracte annual, que não é possivel suppor menor de um vigesimo, devendo os vendedores achar-se provavelmente pouco dispostos a transferir a sua liquidação definitiva para a sua segunda ou terceira geração.

Devendo a maneira d'amortisação ser por juro composto, só isto sobrecarregaria até se obter resultados sufficientes o orçamento annual com a integra dos 600 milhões de juros.

Sendo o vigesimo acima dito um milhar de milhões, ajuntando lhe os 600 milhões de juros, viria a dar em certo numero d'annos o enorme peso de um orçamento dobrado.

Qual seria a consequencia de um tal onus, senão a bancarrota, uma bancarrota horrorosa e imminente?

Triste iniciação para a organisação do trabalho!

E se os estabelecimentos e seu material perigarem nas mãos dos associados, quem os costeará, e renovará, senão o estado, isto é os contribuintes?

Acontecendo esses casos mui provaveis, se o estado se descuidar de lhes acudir com providencias, os antigos proprietarios, vendo extinguir-se a sua hypotheca, demandariam, como é de suppor, o estado para a expropriação accrescendo perdas e damnos pela depreciação de valor.

Resta saber se o estado consentiria na expropriação: mas, fosse como fosse, que seria da industria e dos operarios nacionaes durante esses tempos de desfalques e de conflictos.

Se a final tem de se reduzir a deixar os operarios victimas dos antigos soffrimentos, não val a pena de transtornar a economia do trabalho, para vir a parar nesse resultado.

Se, ao contrario, o estado, a quem pertendem encarregar tudo, em consequencia da promessa feita aos trabalhadores de que para o futuro nem careceriam de trabalho, nem de pão, se julga obrigado a cumprir pelo menos esta ultima promessa, onde irá isto dar?

Não existem na França menos de oito milhões de operarios dependentes da industria fabricante, ha quem calcule 12 a 15 milhões.

Supponhamos que destes oito milhões só a quarta parte se acha no caso da penuria prevista.

Não será avaliar muito alto a quantia media necessaria para ministrar aos operarios indigentes estrictamente pão e qualquer abrigo que não seja a abobada do firmamento, calcular meio franco (80 réis) por cabeça em todas as localidades.

Até é muito pouco. Com tudo não deixa de produzir um milhão por dia, ou 365 milhões por anno, que tambem é necessario accrescentar ao orçamento da despeza.

365 Milhões, não para sustentar mas para não deixar morrer de fome dois milhões de individuos, de apetite tanto mais vivo quanto mais fôr excitado pela illusão de uma comida abundante, que não deve faltar, custe o que custar.

Eis-ahi mais algumas respostas, que dão á theoria os operarios, que tambem devem appresentar o seu parecer em assumpto que lhes toca.

— «Offerecem-nos associações impossiveis pela maior parte, ou ao menos, quanto ás mais importantes, porque exigiriam logo capitaes de fundação, que nós não temos, e que nenhum capitalista com juizo quereria adiantar quer em dinheiro quer em materias primas, visto que não teriamos garantia alguma a offerecer-lhe, nem mesmo a do nosso material industrial, hypothecado aos vendedores.

— «Estas associações causariam a ruina do operario livre, que nós não queremos opprimir, depois de nos queixarmos de ser opprimidos. Se o operario livre se achasse em estado de manter-se a par daquellas, provaria este facto que o principio da associação nacional é máu e ruinoso, pois que com o soccorro poderoso do estado não faria senão competir.

— «O systema simultaneo da associação e do trabalho livre teria por consequencia inevitavel desembaraçar todas as officinas livres dos máus operarios e dos incapazes que ahi se refugiassem naturalmente. A industria livre ganharia, mas que aspecto tomaria o que se chamasse industria nacional?

Propoem nos, como o fim mais appetecivel para o operario, a organisação de todo o trabalho na fórma de legiões, de algum modo disciplinadas militarmente,

elegendo elles seus officiaes. Cada industria, ou muitas analogas, de um a outro extremo da França, formaria uma dessas legiões, cujo coronel, chamado engenheiro, residiria em Paris. Este dalli dirigiria todo o trabalho, e por sua proposta o estado determinaria o preço dos objectos fabricados pelas companhias ou batalhões da legião, em razão das despezas materiaes da vida em cada localidade. É necessario ter conhecimentos mui variados para calcular estes preços. Ora, se a industria particular se engana muitas vezes e amargamente nos seus calculos, posto que interessada directamente, a quantos erros não será exposto um engenheiro decidindo de um ponto unico para toda a extensão da França?

Não fallamos da igualdade de salarios, que só é indicada como um voto da commissão, apoiado no exemplo do serviço publico; exemplo que todavia pecca por inexacto, visto que não existe igualdade de soldos entre os soldados e as diversas patentes, e com tudo o exercito é um serviço bem organisado.

A igualdade de vencimentos não existe na magistratura; e com tudo a administração judiciaria é um serviço organisado.

O resultado da uniformidade de salarios, se estes forem muito baixos, será desanimar o operario laborioso e o intelligente, fazer cahir a industria franceza em uma atonia mortal; reduzir os bons operarios a procurar nas officinas estrangeiras um salario mais conveniente ás suas precisões e mesmo ao futuro da sua familia.

Se os salarios forem subidos, a consequencia será elevar os preços da nossa industria acima dos preços da industria estrangeira, excluindo por tanto a nossa de todos os mercados exteriores onde não poderá entrar em concorrencia.

Não podemos, por tanto, fazendo justiça ás boas intenções de que nenhum de nós duvida, e a que somos intensamente agradecidos, associar os nossos votos a esses, cuja realisação, mesmo no futuro, se encaminha directamente contra os interesses que pertende favorecer. *(Conclue.)*

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

XXVII.

481 Acima desta sociedade pobre e torpe, existe outra rica... e tambem perdida!

Uma serve de espelho á outra.

Não conheço, não vi nunca as pompas e os actos dessas classes abastadas, que brilham nas primeiras cidades do reino.

Meditando bem no que se passa ao pé de mim, conheço que assim como a montanha elevada se retrata no rio, que lhe corre aos pés, tambem essas classes, collocadas tão alto, se podem vêr nas que lhes vivem sujeitas.

Esta Lisboa, que eu imagino tão grande e tão rica, humilha-se, e vem esconder a sua vergonha entre as quatro paredes de uma enxovia!

Cada um destes homens é a pagina de um livro em que está escripta a sua historia.

A grilheta liga alguma destas paginas!

As guerras civis estam aqui descriptas todas.

Não falta uma. Aprendem-se por ordem chronologica.

Ha victimas de todas.

Pensei, que a capital do reino era instruida.

Enganei-me.

Neste ponto não leva a dianteira ás provincias.

Poucos dos presos aprenderam a lêr.

Os moços como os velhos, ainda dizem, que não sabem para que isto serve!

Ha dias procurava informar-me, se em Lisboa liam muito, se havia muitos livros, e ouvi com admiração o que ácerca disto respondeu um criado de servir, preso por haver roubado seu amo.

Disse-me, que servira uma casa tão rica, que o dinheiro andava a rôdo e por isso o tentára a fazer a sua desgraça, mas que pouco lhe importavam com os livros. Tinham alguns muito bonitos com que enfeitavam as casas, mas quando lá ía alguem vendel-os, mandavam o dinheiro como uma esmola!

Outros disseram, que era coisa, que os amos nunca mandavam comprar. E que aos periodicos faziam o mesmo, salvo se alguma vizita dava a noticia de qualquer papel que descompunha pessoa conhecida. Neste caso logo se mandava buscar!

Dizem-me que ha na cidade muitas Egrejas. A maioria dos presos zomba da Religião.

Está aqui um rapaz de 11 annos, se é que elle sabe ao certo a edade: ainda não foi baptisado! A familia é que lh'o disse.

Alguns se não viessem para a cadêa não se confessavam nunca. Ao menos aqui é uma vez cada anno. Mais val pouco do que nada.

A Missa, como elles dizem, vae deixando de ser usada.

O que me espanta, o que me causa horror, são os máus exemplos dos que se chamam ricos.

Deviam, por conveniencia propria, esconder os seus vicios, occultar o desregramento em que vivem a esses homens desconhecidos, que na qualidade de servos admittem em suas casas.

É triste vêr como entre o fumo dos cigarros e as pragas do jogo, se descobrem os segredos mais intimos de tantas vidas!

Nomes illustres, mas que para mim são desconhecidos, se ligam a historias infames e á narração de scenas horriveis!

* Vem do n.º 27.

¿Será possivel que esses edificios a que chamam theatros, a que chamam casas de baile, sejam o abismo onde a innocencia se perde... onde a crença acaba e a esperança da felicidade se esvae como uma luz que se apaga?

Estes miseraveis calumniam a sociedade que os repelle.

Pelo que elles dizem, o casamento é uma especulação, em que o adulterio entra quasi como condição indispensavel: os paes ensinam aos filhos a devasidão e o esquecimento desses deveres sagrados, com que Deus formou os laços, que teem de unir as familias.

Torno a repetir, é impossivel que sejam verdadeiros todos os escandalos que oiço contar.

¿Como poderia haver paz n'esta cidade, se a ambição fosse o vicio de todos, se a maledicencia manchasse todos os labios?

E quem sabe? talvez tudo seja verdade!

Nas historias de Roma, com que me embalaram na infancia, aprendi, como a senhora do mundo escondia a face, marcada pelo crime, entre as prégas do seu manto mui rico, e como adormecia tranquilla sobre o monstro da devassidão, que dissimulado se fingia morto para melhor a tragar, ao desfolhar-lhe os loiros de tantas victoria com as fauces aguçadas durante esse socego fatal, que parece annunciar as grandes destruições!

Mas para que hei-de eu duvidar!

Um só preso é o resumo d'essa historia, que eu talvez um dia escreva, lembrando-me das paginas dispersas, que diariamente me estão passando por ante os olhos.

¿Eu escrever?... Como e para quê?...

Ai! bem dizia meu padrinho. O germen da ambição me dorme na alma.

Não pertenço ao mundo: a justiça me separa dos outros homens, e a minha vista dirige-se para elles, e o meu pensamento sobe até essas regiões onde encontro um desengano tremendo aos atrevidos desejos, que ousei ter nos primeiros dias da infancia!

Como a amaldiçoada por Deus, foge da minha lembrança, cidade de perdição!...

Não me mates, só com a tua imagem, as esperanças que ainda me restam.... as illusões que a fé ainda alumia!...

O Porto já quer imitar Lisboa!

Foi na volta d'essa cidade, que Justina nos pareceu outra. Antes nunca lá fosse!

Que differença até no rosto!

Afogueada e folgazã sempre, em quanto não sahiu da villa, parece que perdeu na cidade a côr e a alegria.

Nunca simpathisei com ella.

Desconfiei sempre do seu olhar dissimulado, que parecia capaz de exprimir todos os affectos sem o coração sentir um só.

O sorriso, que sempre lhe andava nos labios, nunca lhe chegava á alma.

O seu rosto foi sempre para mim uma especie de mascara, onde ella, para se divertir, desenhava as expressões que lhe parecia.

Quantas vezes esse anjo, que ahi está penando, a minha pobre Margarida, me dizia — «Não sei por que te não agrada a minha visinha Justina. Acho-a engraçada; a côr castanha dos cabellos fica bem ao pé daquellas faces que parecem duas rosas..» — Teimava tanto com isto, que, para não a desgostar, só lhe dizia...— «pois bem, são lindos os cabellos, mas parecem menos formosos pelos tractos que lhes dá a vaidade de Justina.»

Chegou um dia em que todos me deram rasão.

Foi quando se soube da sua fuga.

Poucos dias antes tinha partido um regimento da villa para o Porto.

Não faltou quem suspeitasse em que a fugida de Margarida tinha suas relações com a partida da tropa.

Na volta enganou a todos, menos a mim.

Vinha arrependida, e desculpava-se com os rigores da boa da tia, que lhe servia de amparo, e a quem ella dizia, que vinha consolar; e chorava por não a encontrar já viva.

Foi então que eu disse muitas vezes ao infeliz Pedro. — «Não te fies nessa mulher, olha que se voltou á villa, não foi como ella diz, porque a trouxessem cá saudades tuas, veio porque a tia tinha fama de rica, e quer ver se lhe acha mina em casa.

O louco não queria ouvir nada!

Nem reparava em que ella vinha muito garrida para ter andado a pedir esmolla!!

A falsidade do coração, a ruindade de caracter, não foram cousas que Justina fosse buscar á cidade.

Quando assim se analysa a vida, em toda a parte se encontra o crime, em toda a parte se encontra a virtude!

Talvez que nesta cidade hajam raros exemplos, que se possam appresentar ao mundo como modêlos dignos de imitar.

Assim o quero crêr por muito que me custe.

Mais difficil de acreditar é a fatal influencia,

que essa mulher perfida exerceu em dois homens, e na minha desgraça; e na morte de um amigo vejo as provas incontestaveis do que parece incrivel.

Acho hoje no que escrevo um pensamento vago, que não comprehendo, e que se assimelha ao que domina as paginas loucas e mysteriosas, que esta manhã me veio ler um pobre rapaz, que para aqui veio ha pouco.

A mão desse preso descarnada pelos padecimentos da vida, amarelecida pela febre continua, que o parece consumir, levantou-me a cortina, que me esconde o mundo onde elle se perdeu.

Parece-me que o estou vendo nesse palacio de encantos, que elle descreve, a fabricar em uma lettra falsa a sua completa ruina.

Envergonho-me de haver sido ambicioso, e vejo no oiro o pomo da discordia lançado entre os homens!

Tenho hoje precisão de escrever muito, mas o pobre rapaz pediu-me com aquelle olhar amortecido e terno, que me commove, algumas das palavras de consolação, com que o tenho animado.

Tem um rosto sympathico. Ficam-lhe bem aquelles bigodes negros.

A sua alma parece-me boa... a sua physionomia não desagrada, e com tudo, como elle diz, não achou uma mulher que o amasse; e só deu com muitas que o perderam.

Ai! Margarida! esta vida é um martyrio... esta terra é um inferno!

Eras um anjo. Não podias pertencer-me. O infortunio que nos separa é um alto destino que tinha de se cumprir.

(*Continua.*)

MARINO FALIERO. *

TRAGEDIA DE MR. CASIMIR DELAVIGNE.

TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUEZES.

POR

J. da S. Mendes Leal Junior.

ACTO I.

A Camara do Doge.

SCENA III.

Os MESMOS e FALIERO, *profundamente pensativo.*

482 FALIERO.

Meu juz sem força! meu poder calcado!
Que mais hei-de eu soffrer, e ousar hão-de elles?
Depois de tanta affronta recebida,
Mudo eu sempre, este insulto derradeiro
E muito; é já de mais — trasborda o vaso!

HELENA.

Ai céus!

FERNANDO.

Que diz!...

FALIERO, *reparando.*

Perdoa, minha Helena!
Ai! Fernando, ai! meus filhos, que seria
Que seria de mim se vós não fosseis!
(a Fernando)
Tu ficas, não? — Demoras-te comnosco?

FERNANDO.

Vossa Alteza não sabe...

FALIERO.

Chama-me antes
Teu pae — chama — teu pae e teu amigo.

FERNANDO.

Se pela patria vou pugnar, quem póde
Minha sorte prever?

FALIERO.

Quem? — Eu. — Descança.
Tu has-de-nos tornar. — Nem sempre o esforço,
Como alguns pensam, vae topar co'a morte.
Olha: — ves me? — Pois tenho já passado
Bem dias de victoria e de matança
Junto ao pharol de Genova, e de Piza
Nas robustas muralhas — todavia
D'esses todos voltei: — fiz oitenta annos!
Tu voltarás tambem; os golpes erram.

Este sceptro, que invejam, meu Fernando,
Este leva mais reis, que leva a guerra!

FERNANDO.

Taes vossas magoas são?!

FALIERO.

Para acabal-as
Da vida aguardo o termo que já tarda.
Parte d'este grilhão, sem queixa, arrastas,
Pobre Helena! — Mais proxima julgava
A hora extrema, quando ao velho amigo
A tua mão pedi. — Será um dia,
Disse eu commigo; e um dia breve passa:
Ámanhã... ámanhã deixo-lhe um nome
E um titulo e riqueza... — Em fim; paciencia!
Não me ouve o céu — a culpa não é minha!

HELENA.

Assim elle prolongue os vossos dias,
Como ha pouco os salvou.

* Vem do n.º 27.

FALIERO.

Se tu não fôras
Sucumbia, de certo — e livre estavas!
(a Fernando)
Oh! se a visses! — Se visses o disvello
Com que estas cãs sollicita amparava!
Era um anjo — era um anjo! — e, compassiva,
Para o meu remoçar déra o seu sangue.

FERNANDO.

Como eu tambem!

HELENA.

Era dever.

FALIERO.

Espero
Que aos meus filhos não tarde a recompensa.
Ha-de vir — ha-de; e, posto que tardío,
Bemdizei esse dom — O ancião... — Lembrae-o,
E felizes vivei, chorando-o morto!

HELENA.

Que dizeis vós!...

FALIERO.

Aflijo a minha Helena?...
Pois, para dissipar as amarguras,
Anda, sáe; que t'o peço — peço, exijo.
Meu mal, quero a Fernando confial-o:
Tu conhéce-lo já. — O aspecto puro
D'um plácido céu, de terra a magoa,
E, nos olhos, que as vertem, sécca os prantos.

HELENA.

Mas vós, que padeceis...

FALIERO.

Não te afadigues:
Lá tens a minha gondola. — Se queres
Cinge uma d'essas máscaras ligeiras
Que as faces te não cance, e que as proteja.
Vae, minha filha, vae.

HELENA, *sahindo.*

Oh! que bondade!

(Continúa.)

PAGINAS DA MINHA CARTEIRA.

27 DE JUNHO DE 1848.

483 Venho de Cintra. Passei um dia alegre, e estou triste.

Os poetas, com a infelicidade dos seus amores, são como eu com a tristeza.

Cantam sempre a ingratidão, e a esquivança das mulheres, que amam.

Eu fallo sempre da tristesa. Mas que ha-de ser, se me persegue como a sombra!..

Quem havia de dizer, que, em Cintra, naquelle Eden da natureza, nesse jardim de Portugal, e na mais estimavel e illustrada companhia uma nuvem veria encobrir as alegrias da alma desafogada do ar, quasi empestado da cidade, e livre de todas quantas quizilias transformam a vida em um martyrio!

Mas assim aconteceu.

Um pensamento elevado e mui culto transformou a serra de Cintra em arena, onde a Arte lucta com a natureza.

A vista, que se maravilha na contemplação desses formosos tapetes de cultura, que se estendem, por um lado, até ao Téjo, e pelo outro, até ao Oceano; e que admira com respeito os cedros do Libano, crescendo entre os penedos, vê além dessa verdura, que se não descreve, e das floridas plantas que por toda a parte a encantam, uma especie de visão ou sonho de fadas que se está tecendo no cimo da serra.

O pensamento esquece as saudades do terno Bernadim, a sem ventura da formosa Beatriz, e os padecimentos da victima fraca de uma mulher forte e ambiciosa, para se ir embeber todo naquelle espectro da edade media, que parece surgir lhe mais das paginas de um livro, do que dentre os penedos.

Não tarda muito, que todos os encantos de Cintra sejam esquecidos por este palacio.

Será preferido a tudo menos ao Oceano, menos á serra, que hão de sempre attestar o quanto a obra de Deus excede a qualquer obra dos homens.

O palacio, depois de acabado, será uma coisa unica na Europa.

Do alto das suas ameias o espirito se perde no vago da contemplação.

O aspecto da natureza é magestoso e sublime.

O dorso espumoso e inquieto do Oceano serve de espelho ás nuvens, em parte sobranceiras, a quem admira tantos encantos.

O ambito do horizonte fatiga a vista, mas não lhe põe limites.

As grandezas da monarchia poderosa deste reino erguem-se ao longe como uma sombra.

É Mafra.

O colosso significa a força, o poder que até no culto foi robusto e extraordinario; mas o gosto da arte, esse, ao perto como de longe, não se percebe.

No castello feudal, que S. M. El-rei está mandando edificar, tudo isto parecem coisas que se pensam, mas que se não estam vendo.

A imaginação dos que presam a arte delira ao verse envolta naquelles pannos arrendados das janellas, e achando-se entre essas fórmas variadas, que tam propriamente representam os productos da natureza ou os caprichos da phantasia.

E tudo é pedra. Só apalpando é que se acredita. A prova de S. Thomé é neste ponto indispensavel.

Foi o ferro guiado pelas mãos do homem, que plantou nas muralhas as rosas, que logo á entrada se veem, e que arrancou do seio bronco da pedra as fructas, que só pela côr não illudem os festões, que a imaginação parece ver desfazer ao sôpro rijo do vento.

Sejam de quem for os desenhos, que tanto admi-

ram, até pela profusão da variedade, ninguem deixa de perguntar, ao ver a pedra tão perfeitamente dominada pelo ferro — « Quem fez isto?... Quem trabalha assim?...

Fiz a pergunta e responderam-me:

— « São canteiros portuguezes, que todos os estrangeiros louvam, que El-Rei, o auctor da maior parte dos desenhos, se não cança de elogiar. O que mais trabalhou no principio já morreu. Era muito velho. Deixou um companheiro, que bem o supria: quasi tudo é obra d'elle. Os mais trabalham, mas em quanto elle não toca a pedra com o ferro, parece que falta o que todos muito gabam. »

Quiz saber o nome d'esse homem. Disseram-me, que se chamava João do Ó.

Manifestei desejos de o ver, e responderam-me... morreu!

Quiz saber quando, e oiço que me dizem — haverá duas horas! Tiro do relogio, era hora e meia.

Quando cheguei a Cintra, ainda o fogo da vida aquecia a mão intelligente, que lavrou tantos prodigios. Dentro em pouco, gelada pela morte, ía definhar-se na sepultura.

Como são pequenas as grandezas d'esta vida!

E esse homem, que era uma prova do poder de Deus, será esquecido, e nem a sua obra lhe perpetuará a memoria.

Na mão do operario, como na cabeça do sabio, brilha a luz do céu. Embora muitos o não julguem assim. Os factos attestam o que digo.

Se a sociedade o não considera d'este modo, é mais uma injustiça.

Lamentei que a memoria deste homem não viva muito. Calculei-lhe a duração pelo tempo que poderá existir uma mulher que o fica chorando na pobreza, tres filhos que na infancia perderam o seu unico amparo, e um pobre engeitado com quem o pobre jornaleiro repartia o pão de cada dia!

Quando morrerem os que hoje tanto sentem a sua falta, ninguem mais lhe saberá o nome, nem que antes de viver meio seculo, deixou o mundo.

Com antecedencia arredo da consciencia este crime de ingratidão, deixando lhe o nome escripto nas paginas em que lanço o que sinti visitando o Palacio da Serra de Cintra, com a alma contristada pelo revez da sua morte.

O SORRISO.

484 Acabo de te vêr; e se ha tormento,
S'inferno ha neste mundo, elle me ferve
No seio, que a teu grado torturaste.

Ouviste os labios meus pedir tremendo
Um reflexo do amor, que me juravas;
E sorriste de gozo ao escutar-me!
Sorriste de piedade ao vêr de rojo,
Abatido a teus pés, meu peito exangue!
E sorriste d'escarneo; por que vias
N'essas palavras, que soltei gemendo,
Vergar meu coração tão novo ainda,
Curvar-se ao jugo teu falto d'esp'rança.

Enganas-te, mulher: o fogo é vivo;
Vivo meu coração pulsa no seio,
Aonde um sangue de vinte annos gira:
Ante mim o porvir se desenrola
Cheio de vida, d'esperanças cheio:
Sómente ao pó d'esquecimento eterno
Hei teu nome indiferente arremessado,
Eu que humilde junto a ti cahia,
Que submisso idolatrava o imperio
Do teu fingido amor, d'uns olhos meigos,
Das palavras que sofrego escutava,
Ergo-me agora, para dizer-te em face;
« Mulher! essa affeição, que consumia
« Nos sonhos meus a minha vida inteira,
« Gelou sob um sorriso de teus labios.
« Poderia odiar-te, se o odio
« Não fôra uma paixão; e d'ora avante
« Por ti no peito meu paixões não cabem:
« Desprezo tambem não, que elle manchára
« O incauto affecto, que por longo tempo
« Meu pobre coração domou inteiro.
« Mulher, sonho infernal, eis derribado
« O templo d'illusões, que tu creáras:
« Eis por terra o teu culto: eis abatido
« O altar do meu amor: sorri-te embora;
« Que o vento, qu'ora geme, e açoita os vidros,
« Mais abalo me faz, que teus sorrisos.

E com tudo, mulher, eu adorei-te
Com força, com paixão, com culto ardente:
Vivi do teu olhar, das fallas meigas,
Que prêso aos labios teus m'encadearam.

Ás vezes, n'essas noites, qu'ora cobre
Melancholico véu d'acre saudade,
No teu languido olhar vinha fixar-se
Doce expressão d'angelica ventura.
Anjo meu adorado, se soubéras
Que intenso fogo o peito me queimava
N'essas horas, que a tua imagem bella
Vinha doirar com magica esperança!
Se lêr podéras no desfeito livro
De minhas impressões! Se decifráras
No seio ao trovador quantas delicias,
Que céu de gozos, Paraiso infindo,
Esta palavra amor guarda comsigo!

Não comprehendeste, não: — pranto d'amores
Não vertem os olhos teus; não tem sentido
Para o teu coração; tão falso é elle!

Gôta a gôta libei no calix d'oiro
De minhas affeições mortal veneno:
No teu meigo sorrir criava um mundo,
Que tua imagem, candida, singella,
Qual a sonhei em sonhos de ventura,
De fallazes ficções tinha formado:
Eras tu, e só tu, meu pensamento,
Meu ser e vida e paraiso inteiro.

E zombaste de mim, sempre mentindo,
Em juramentos refalsados sempre!
E zombaste de mim, acreditando,
Que eu cria os olhos teus! Não te lembraste,
Que dentro em mim um sangue ardente ferve,
Que o fogo em lavas minha mente queima,
Que fogo e gêlo ligação não fazem!

A roza, que murchou o ardor da sésta
Póde guardar no seio desbotado
Um suave perfume, que recorde
As gallas suas, seu brilhar d'outr'ora:
Da, que pisada foi, nem gallas restam,
Nem murchas côres, nem mimoso aroma!
Meu amor assim foi; e tu calcaste,
Co'a planta ingrata, a flor que vegetava
De sob os passos teus; — e nem saudade,
Doce perfume d'affeições passadas,
Nem dôr pungente d'esgotados gozos,
Das horas que lá vão conserva o traço!
Imprudente! imprudente, que não sabes,
Que do calix brilhante d'uma roza
De roxa côr, d'avelludadas folhas,
De magicos encantos, póde ás vezes
Desenroscar-se aspide venenoso!

Com infernal sorrir despedaçaste
Os elos ferreos da prisão, que odeio;
Qu'inda soberba me domava ha pouco.
Mulher, eu te agradeço: eis-me curado
D'esse amor, em que agora se concentra
Mais do que o odio, que merecer não podes,
Mais que o desprezo, que não quero dar-te,
O gelo da indiff'rença, o esquecimento
De um peito, que era teu, que atormentaste.

Sorri pois, ó mulher: sorri-te embora:
Desperta o teu sorrir os meus sorrisos,
Depois que conheci quanto elles valem! —
Maio de 1848.

L. Corrêa Caldeira.

ARCHEOLOGIA POLITICA.

O publico avaliará os motivos porque não nos recusamos a inserir a carta, em extremo lisongeira, com que o Sr. Tullio nos honrou. Ainda ha dias nos animámos a privar os nossos leitores de algumas linhas, escriptas por um dos prosadores mais eloquentes da era em que vivemos, e por um dos nossos melhores e maiores amigos, só porque junto com a materia grave, a que se referia, vinham louvores, que não poderiamos publicar, sem compromettimento da modestia de quem os não póde merecer de tal ordem. Appellâmos para a recordação d'este facto, a fim de que bem se comprehenda, que só motivos especiaes nós obrigam a satisfazer o desejo e o pedido, que tambem pelos mesmos motivos seriam inspirados.

A collecção de documentos, que o Sr. Tullio nos promette, é, por muitas razões, importante. O interesse, que da sua publicação póde resultar á nossa gloria, basta, para confiarmos em que o Sr. Tullio continue um trabalho, que a Revista se honra de poder inserir nas suas columnas.

Sr. Redactor.

485 Quando o meu sabio amigo e mestre, o Sr. Dr. A. F. de Castilho, intendeu que devia deixar a redacção da Revista Universal, cessou tambem o apoucado contingente que eu sempre prestára a este jornal, desde a sua creação. Glorio-me de haver mantido, inquebrantavel, este respeitoso testimunho de reconhecimento a quem tanto devo.

Agora porém que, a instancias de V. , não só elle mesmo, como todos os antigos collaboradores da Revista, teem, tão valiosamente auxiliado os esforços de V. , de muito boa vontade corresponderei ao honroso convite que tambem tive, fazendo quanto podér a bem de um jornal que se acha hoje redigido com tanto disvelo e estudo.

V. melhor apreciará a ingenuidade com que lhe presto este merecido louvor, se se recordar de que, quando pela imprensa politica noticiei, que a redacção da Revista Universal ia ser confiada á sua intelligencia, disse logo, que era mui pesada tarefa para tão verdes annos: mas tambem não callei, que a dedicação e assiduidade, de que V. mui boas provas tinha dado em outras lides litterarias, lhe poderiam grangear a reputação de desempenhar satisfatoriamente tão ponderoso encargo.

Folgo de ter visto, e de confessar, que a experiencia abonou as minhas conjecturas: é de rasão, pois, que assim o faça patente. Sou tão retrahido no louvar « por especial favor », como espontaneo quando a convicção m'o dicta. V. bem o sabe.

Com esta carta (que desejo e peço seja publicada, por motivos que talvez exponha), remetto tres artiguinhos (e continuarei), todos de pouca monta, mas com o valor que lhes dará o nosso avoengo rifão de: *Quem dá o que tem, toma-se lhe um por cem.*

Conheço, que dos antigos escriptores da Revista, só « alphabeticamente » não sou dos ultimos (porque, graças á pia baptismal, pertenço á letra *A*), mas em desforra, empenhar-me hei sempre em ser dos primeiros a lhe prestar homenagem, e a V. muito affecto e consideração.

Maio de 1848.

A. da Silva Tullio.

I.

Tractar de politica « archeologica », agora que só a politica « neologica » deve ser discutida, e, como querem, propagada, parecerá a muitos sestro impertinente de antiquario!

Pois seja muito em boa ou má hora — que importa isso? Sem nos defendermos do apodo, perguntaremos: Não será verdade, que sem o conhecimento e investigação do passado, mal se poderá sentenciar o presente, e muito menos ainda precaver o futuro?

Se se houvesse feito a acareação do antigo com o moderno, no tocante aos assumptos da politica patria, não teriamos de envergonhar-nos hoje, recordando as muitas affrontas que ahi se teem infligido ao passado, e os não poucos labéus que se hão lançado sobre o presente, dando-os como proprios deste seculo, e sem precedente na historia nacional.

Mas este serviço só nol o podia prestar a archeologia, cujos estudos são ainda tão escassos entre nós, que faz lastima ver tantos documentos inéditos, e em risco de algum sinistro nos devorar os salvados do fatal terremoto de 1755!

Não temos nenhuma collecção (impressa) das nossas côrtes antigas; — nem dos foraes; — nem da legislação (completa) (1); — nem das nossas importantissimas negociações diplomaticas (2); — nem das correspondencias e outros papeis officiaes que estão ignorados nos archivos das possessões ultramarinas; — nem se quer a serie completa das moedas portuguezas, sua legislação, historia etc.; em summa, a nossa velha politica interna, está ainda quasi toda inédita! E nem por isso deixa de ser, quasi todos os dias, severamente sentenciada, á revelia da prova documental, de que a maior parte d'esses seus improvisados juizes, tem pouca ou nenhuma noticia.

Para que sirvam pois, como de minutas de appellação e aggravo, interpostas a essas taes sentenças, a fim de que o publico estudioso lhes dê o devido provimento, iremos publicando neste jornal, alguns extractos de uma volumosa compilação que temos feito, á qual pozemos o titulo de — *Archeologia Politica*, e que, em quanto lhe não procuramos outro mais proprio, será o deste e dos seguintes artigos.

—

Tomamos hoje, para estreia, dois fragmentos inéditos.

O primeiro é um capitulo ou capitulada das côrtes de Santarem, no reinado de D. Duarte, em 1434, no qual o povo se queixa com o mesmo desafogo com que actualmente o póde fazer por via da liberdade de imprensa, e tão pelo claro como n'um jornal da opposição, contra os funccionarios publicos, *que vindo para os empregos sem terem nem um moço para os servir, em pouco appareciam com baixellas, cavallos e criadagem* etc. Já se vê que estas «más manhas» (chamavam d'antes assim a similhantes prendas) não são sómente dos nossos tempos.

A resposta do rei, é notavel pela promessa que faz de se acautellar nos despachos que houver de fazer, desattendendo os empenhos, e até os proprios requerentes, para elle mesmo escolher os melhores e mais pertencentes para os officios. Entretanto vemos que não demittiu, nem mandou processar estes concussionarios, e que á falta de lei de responsabilidade, e em phrase popular: «*Quem pilhou, pilhou, mas rei ou vassallo sem elle ficou.*»

As demais illações e comparações que deste documento se pódem tirar, relaxo-as á discrição do leitor.

Eis-aqui o famoso capitulo:

(1) A do sabio jurisconsulto, o Sr. Trigoso, que hoje possue a Academia Real das Sciencias: e a do douto antiquario, o Sr. Dr. Pereira e Sousa, Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa, superior a todas as collecções que existem, pódem attestar de quanto valor e honra para o reino, seria o publicar-se o corpo completo da legislação nacional. Tambem lhe servirá de grande auxilio o *Repertorio* do antigo Desembargador da Casa da Supplicação F. M. B. Ch. Bacellar, manuscripto que hoje possue seu filho, o Sr. Conselheiro Auditor Geral da Marinha.

(2) Desta parte preciosissima da nossa historia politica, se incumbiu já mui competentemente, o Sr. Visconde de Santarem. Mas vemos pelo esboço e apparato que d'ella está fazendo, na obra que intitulou: *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal, com as diversas potencias do mundo, desde o principio da monarchia até aos nossos dias* — que nem as forças de um só homem, nem os recursos que se lhe proporcionam, a poderão levar ao cabo.

CÔRTES DE SANTAREM.

1434.

«Cap. 3. It. Senhor alguuns uossos oficiaaes som pobres e querem trazer mayores estados que o que lhes conpre e conuem e por soportarem esto he per força que eyçedem o modo em aquello que com rrazom sse nom deue fazer e assy o poboo sse gasta e o dereito e justiça pereçera deuiades de teer a taaes desenbargadores que temeessem Deus a cuio poder ham dhir e suas conçiençias e façam a uos seruiço e dem osseu dereito a cada huum porque o grande estado rrequer grandes rrendas e estes antes que ueeram aos oficios non teem huum moço que os sirua e tanto que cobram os oficios alcalçam baixellas e rroupas empenadas e homeens e bestas e esto depoes que sam oficiaaes a poucos annos seja uossa merçee proueerdes a esto porque o poboo crama e nom no ouzam a dizer com medo dos oficiaaes da uossa justiça que teem e esta prouizom nom seja ssomente a estes mais a todollos outros uossos desenbargadores e juizes de justiça.»

(*Resposta do Rei.*)

«Responde el Rey que teera maneira no filhamento dos oficiaaes da rrelaçom que os nom filhara ao pititorio seu nem doutra nhua pessoa que por elles rrequeira e sse lhe assy for rrequerido lhes dara em resposta que os rrequererom os não quer tomar mais elle tomara aquelles oficiaaes que sua merçee entender que som mais perteencentes e que escolher por mylhores e quanto aa custa que cada huum deue trazer o ditto senhor lhes hordenara quantos homeens e molheres e bestas trarom assy lhes encamynhara tall mantimento perque possam soportar a custa que lhes assy for hordenada apreçando os mantimentos nom muy altos nem muy baixos sse nom segundo jgualmente for rrazom e sse lhe for achado que trazem mais homeens que os que os que lhes forem hordenados outros tantos mandarom a Çepta por huum anno aas suas custas naquella conta em que os trazem.»

—

O segundo fragmento é o seguinte periodo final de uma extensa carta, inédita, de D. João de Castro, escripta de Goa a elrei D. João III:

«Eu Senhor, vim riquo a esta terra e estou pobre: sou muito cobiçoso de natureza e mal incrinado, porém faltame habelidade pera executar minha condição. De dezoito annos tomei as armas em seu serviço: seis vezes passei a Africa e la me naceram as barbas: mandou-me na armada do Levante contra Barbaroxa: fui peçoalmente na tomada da Galeota onde a minha Caravela ficou cheia de pelouros de bombardas de que o muito excelente Princepe o Infante D. Luiz é boa testemunha. Vim em secorro da India per seo mandado a resestir ao impeto e cruel furia dos Turquos: fui em ajuda de se lançarem fora destas suas terras tão pestelenciais inimigos Nunqua a honrra e oppinião dos Portuguezes foi por mim deminuida nem maculada: vinte annos tenho gastados em seu seruiço, os melhores e mais estimados da vida: por amor de Deos e em paga destes trabalhos, peço a V. A. que me dee licença para me hir caminho de Portugal a fazer vida com minha molher e filhos a ha cabar estes breves e perturbados dias que me ficam per passar na serra de Sintra. Nosso Senhor acrecente a vida e Real estado de V. A. — *D. João de Castro.*»

Que tão bisarro e eloquente modo este de pedir a

demissão de um cargo tão pingue e de tamanha alçada, como era o governo da India!

Ainda mesmo para aquelles tempos, este exemplo é singular, mormente na allegação de pobreza. Não é menos para admirar a ingenuidade com que D. João de Castro, confessa «ser cobiçoso de natureza, mas «faltar-lhe a habilidade para se *encher!*» Hoje poucos se pódem lastimar desta falta de habilidade...

Pois a um homem que assim se extremava e empobrecia no serviço da patria, denegou elrei não só o pedido que lhe elle fazia nesta carta, mas certa mercê que requeria para seu filho, D. Alvaro de Castro, mandando-lhe dizer que «n'aquelle anno tinha resoluto não fazer graças para a India!» Egual resposta deram a rainha D. Catharina, e o infante D. Luiz, a quem D. J. de Castro tinha mettido por empenho a elrei.

Eis aqui está porque entre nós passou a dictado que, «ao rei é servir mal e requerer bem.»

Quando transcrevermos outro periodo, tambem notavel, desta carta, diremos o que agora ommittimos por brevidade, limitando-nos a ponderar, que nem Jacintho Freire d'Andrade, na vida de D. J. de Castro, nem o Sr. D. Fr. Francisco de S. Luiz, na nova edição que d'ella fez, addicionando lhe uma preciosa collecção de cartas, tiveram conhecimento desta que hoje extractamos, a qual encerra a biographia politica e militar do famoso discipulo de Pedro Nunes, e o mais illustrado vice-rei da India Portugueza.

A. da Silva Tullio.

NOTICIAS.

ACQUISIÇÃO DOS MELHORES QUADROS QUE ESTAVAM NA BEMPOSTA E DE MAIS OBJECTOS DE ARTE.

486 Felizmente assignou-se o termo de arrematação, feita ao Governo, dos Quadros escolhidos pela Commissão, expressamente nomeada, para esse fim, d'entre os quadros, em que por tantas vezes fallámos n'este jornal.

Esta compra honra o illustrado ministro, que tam lealmente cumpriu o que havia promettido na Camara dos Pares.

A imprensa alcançou, n'esta compra, uma d'essas victorias, que revelam a influencia e o poder de um dos elementos mais essenciaes da civilisação.

Ainda que os que andaram nas bagagens, venham querer arrancar os loiros da victoria, que pertencem aos que combateram na vanguarda, o publico já possue hoje, sobre a questão, documentos sufficientes para conhecer, a quem deve, a posse d'esses valiosos objectos.

Com esta boa nova julgamos finda a missão penosa, que desde 1844 tomámos sobre nós de pugnar, pela imprensa, para que a compra se fizesse, affrontando os interesses e as vaidades, que, por mais de uma vez, nos vieram combater.

Os nossos desejos estão cumpridos. Acabámos com o empenho que nos obrigára a ser vehementes nas exigencias e severos na analyse.

Só voltaremos ao assumpto como ponto de arte.

PRAÇA DE LISBOA.

14 DE JUNHO.

487 Fundos publicos de 5 por cento 48 e 48 e meio, por cento Tem se realisado mais transações do que é costume. Acções do Banco de Portugal, 350$ a 360$000 réis. Continúa a haver compradores para acções das Lezirias, por 425$000 réis. Acções sobre o Fundo de Amortização 53 a 54, por cento. Escriptos das Alfandegas 85 a 86 em moeda metalica. Desconto de Notas, 52 por cento.

PRAÇA DE LONDRES.

488 6 DE JUNHO DE 1848.

FUNDOS INGLEZES.					
Do Banco	7	p. %	192½	1	Por 100.
Consolidados	3	»	84⅓	¼	»
Redusidos	3	»	82½	¾	»
Fundos	3¼	»	83½	¾	»
Exchequer bills			34	38	Premio.
ESTRANGEIROS.					
Belgas	4½	»	Sem cotações.		—
Brasileiros	5	»	67	70	Por 100.
Dinamarquezes	3	»	Sem cotações.		—
Hispanhoes	5	»	12	½	»
D.os	3	»	21¼	¾	»
Hollandezes	4	»	62	63	»
D.os	2½	»	42	43	»
Mexicanos	5	»	14¾	15¼	»
Portuguezes	4	»	16½	17½	»
D.os consolid., 1841		—	16½	17½	»
D.os divida interna.		—	Sem preço.		—
Russos	5	»	84	88	»
CAMBIOS.					
Lisboa			51¾	—	Por 1$000 rs.
Porto			51½	—	»
Rio de Janeiro			23½	—	»
Bahia			—	—	—
Amsterdam	12		3	½	£
Hamburgo	13		12¼	¾	»
Paris	25		50	60	»
Genova	25		90	26	»
Trieste			Sem cotações.		
Vienna					
Madrid			40	½	Pezo.
Cadiz			46	½	»

OPERA EM PARIS.

489 *Roberto do Diabo*, e *Guilherme Tell* são as operas hoje mais estimadas dos parisienses.

O *Theatro da Nação* alterna estas duas operas, e sempre alcança novos triumphos.

Este mesmo theatro tem dado, por semana, uma representação *gratis*, destinada unicamente para o povo.

EXPOSIÇÃO DE QUADROS.

490 Temos muita satisfação em annunciar que o Sr. Francisco Augusto Metrass, mui digno discipulo da nossa Academia das Bellas-Artes, vae apresentar ao publico o resultado dos seus estudos fóra do paiz, por meio de uma exposição dos seus trabalhos, a qual se fará nos dias 18, 19, e 20 do corrente desde as 11 horas da manhã até ás 4 horas da tarde na rua da Torre de S. Roque, n.° 17, 2.° andar.